

## A CRÔNICA de Rubem Braga

24-12-60

### AUTOGRAFAR

NÃO agüentamos mais. Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Vinícius de Moraes e eu autografamos nossos livros "O Cego de Ipanema" (que Hélio Fernandes considera o melhor livro de crônicas aparecido no Brasil desde Machado de Assis), "O Homem Nu", "Antologia Poética" e "Ai de Ti, Copacabana!" (respectivamente) no Rio, em São Paulo e em Belo Horizonte. Nosso programa era fazer uma tarde de autógrafos na Zona Norte do Rio, depois fazer duas viagens, uma para o Norte, outra para o Sul, correndo as capitais — além de um pulo a Brasília.

A greve dos aeroviários impossibilitou isso — pelo que somos muito gratos aos aeroviários. É que nós quatro sentimos, quase ao mesmo tempo, a estafa autográfica — um tedioso cansaço que provém da ominosa tarefa de assinar o nome interminavelmente, quase sempre tendo de meter uma dedicatória, desde o simples "cordialmente" ou a modesta "lembrança" até frases mais ou menos elaboradas, dirigidas a conhecidos e desconhecidos. Estes não dão trabalho. Mas os conhecidos — como reconhecê-los no meio daquela confusão, daquela aflição, daquela angústia que provém da obrigação de reconhecer instantaneamente, e não apenas reconhecer como lembrar o nome?

O nome! O nome mais sabido, o mais habitual, o mais familiar é precisamente o que se eclipsa naquele instante dramático, tapado por um ponto negro e irremovível de burrice que ataca a memória da gente. A princípio penso que a coisa acontecia só comigo, que sou mesmo homem de cabeça ruim. Alegrei-me quando soube que sucedia o mesmo aos outros — que todos esqueciam nomes, que todos, sem explicação, faziam dedicatórias frias e formais para gente querida e dedicatórias com ares de intimidade para desconhecidos — que todos fomos às vezes inconvenientes, indesculpáveis e inexplicáveis. E todos ganhamos antipatias, perdemos amigos e nos sentimos estúpidos.

Sem dúvida há essa coisa simpática do contato direto com o público — e o público (isto é bom para nós), o público das tardes de autógrafos é, em 90 por cento dos casos, gente muito jovem — mas na verdade esse contato tem alguma coisa de afetado e artificial. Sentimo-nos todos inautênticos, falsamente importantes e, com o perdão da palavra, meio bêstas. Paramos.

Que os livros se vendam normal e lentamente e o autor se recolha ao seu estimável recato pessoal; temos dito.

197